Entre o impresso e o digital na obra *Camilão*, *o comilão*, de Ana Maria Machado

Odilene Silva do Nascimento Almeida*

Emanoel Cesar Pires de Assis**

Resumo

O universo literário tem sido cenário de intensas discussões acerca das producões contemporâneas, notadamente, no que se refere ao contexto das ferramentas tecnológicas. Nesse sentido, o presente artigo pretende discutir sobre a forma com a qual o avanço da tecnologia tem influenciado profundamente as obras classificadas como infanto-juvenis, sobretudo, no que se refere ao livro Camilão, o comilão, de Ana Maria Machado. Considera--se, assim, a necessidade de propiciar a compreensão de abordagens que se encontram no cerne da perspectiva da literatura fomentada no meio digital, bem como as transmutações conferidas ao estabelecimento de um novo suporte. Desse modo, a premissa que sustenta a presente discussão parte da migração da obra em texto impresso para a esfera digital. Como contribuições teóricas, há os textos de Chartier (1998), Lévy (2008), Hayles (2009), Santaella (2013), Rocha (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Avanços tecnológicos. Livro impresso e digital.

Introdução

A literatura contemporânea vem abrindo espaço para uma série de discussões e questionamentos acerca de seus campos de produção e recepção, o universo da literatura infanto-juvenil, por exemplo, tem dado uma significativa contribuição para as formas como lemos, interpretamos e valoramos o objeto literário. As relações que o texto literário tem estabelecido com a tecnologia concretizam potencialidades que os pesquisadores da área não têm se furtado a refletir sobre. Multiletramento (ROJO; MOURA, 2012), hipertexto e educação (DIAS, 2000), letramento digital (RIBEIRO; COSCARELLI, 2017) e literatura digital (ASSIS, 2017a, 2017b)

Data de submissão: abril de 2020 – Data de aceite: julho de 2020 http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v16i2.10777

^{*} Mestranda em Letras, área de concentração Teoria Literária, na Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: odilenealmeida16@gmail.com

^{**} Doutor em Literatura (UFSC), professor da graduação e da pós-graduação em Letras na Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: emanoel.uema@gmail.com

são só alguns dos termos e conceitos que têm sido debatidos na área.

Os avanços tecnológicos coadunam com as transformações ocorridas no âmbito das concepções literárias, trazendo em foco a combinação de recursos e suportes nos quais o texto literário, por sua natureza, assume papel preponderante. Ao mesmo tempo, o texto congrega elementos oriundos de uma matriz heterogênea, mas que, permeada pela ligação entre leitor – obra – autor, acaba culminando num processo unívoco, refletindo numa proposta em que a literatura expande seus horizontes para além do sistema impresso.

Em razão disso, tomando como base o livro Camilão, o comilão (2003), de autoria de Ana Maria Machado, é possível depreender a diversidade que a disseminação do texto literário assume em diferentes canais de propagação (tais como vídeos, e-books, jogos, etc.). A alteração do suporte, aquilo que Hayles (2009) chama de tradução, impõe ao leitor o uso de estratégias de leitura que, muitas vezes, estão ainda alicerçadas no modo como tradicionalmente a leitura lhe foi apresentada, mas, ao mesmo tempo, estimula, também em decorrência da nova dinâmica do texto, novos modos de interação. Um desenvolvimento melhor da ideia pode ser visto em Assis (2017a).

Nesse sentido, a partir da adaptação do suporte da obra aludida, é possível estabelecer uma reflexão acerca dos mecanismos que envolvem o texto literário em suas diversas formas de manifestação da linguagem. Assim, a sua leitura em meio digital requer outras competências e habilidades discursivas, lançando mão de estratégias, bem como da utilização de múltiplos recursos que auxiliem na compreensão e assimilação da obra, em seus mais amplos aspectos.

Isso implica dizer que há vários desafios a serem enfrentados, bem como o contato com múltiplas linguagens e suas manifestações. Essa realidade acaba assumindo uma representatividade de novas questões, ou pelo menos questões repensadas, para os estudos literários, permeados, agora, pela presença da tecnologia. Além disso, também se percebe como reflete o texto literário, mais especificamente o infanto-juvenil, que vem ganhando, ao longo do tempo, diferentes veículos e modalidades de leitura.

A obra literária no contexto do livro impresso e a sua expansão para o meio digital

A literatura impressa expressa-se por um caráter hegemônico, assumindo uma ideia de valoração maior em relação a outros suportes, constituindo uma espécie de certificação da obra, como se o meio digital não fosse suficientemente autônomo e capaz de ensejar características literárias. Esse pensamento encontra-se firmado numa conjuntura que atravessa séculos, traçando uma perspectiva com reflexos arcaicos de que somente o papel/o tático é consolidador de algo a ser apreciado, possuindo dimensões críticas. Não à toa, é cada vez mais comum encontrarmos livros publicados, em material impresso, por personalidades do meio digital. Para um quadro mais detalhado sobre como o meio digital se apropria do meio impresso para dar legitimidade e valoração ao seu conteúdo, conferir o levantamento feito por Melo (2019).

Essa prática também ajuda a reforçar a importância do livro impresso para a sociedade, haja vista que, a partir dele, surgiram diversas formas de representação e materialização do texto escrito, tais como jornais, revistas, entre tantas outras. Além disso, o próprio livro impresso constitui-se como um avanço da tecnologia, acompanhando momentos que marcaram o desenvolvimento da humanidade.

As concepções acerca do sistema impresso são carregadas de significação, uma vez que seu poder e sua importância dentro da esfera social são bastante consideráveis. Assim, o processo de transformação do suporte pode ser um dos aspectos representativos dessa realidade, a saber os primeiros registros nas cavernas, as pinturas e formas de expressão da linguagem, bem como o surgimento do códex e as adaptações que culminaram com o livro em sua forma impressa.

O livro como conhecemos hoje, está longe de ser um mero objeto. Ele foi instaurador de formas de cultura que lhe são próprias, que incluíram, desde o Renascimento, nada menos do que o desenvolvimento da ciência moderna e a constituição do saber universitário. Além disso, desde a revolução industrial, o incremento das técnicas de impressão e sua fusão com as imagens fotográficas levaram ao aparecimento e multiplicação dos meios impressos de massa: os jornais e revistas. [...] nada poderia ser mais natural do que a recuperação da história do livro e seus suportes, dos leitores e suas práticas, numa busca de determinações passadas que possam ajudar a compreender os vetores do presente (SANTAELLA, 2004, p. 16).

Tomando por base esse pressuposto, a revolução industrial corresponde a uma espécie de ruptura com o modelo tradicional, trazendo para o centro das discussões a transformação cultural (SANTAELLA, 2013). É nesse contexto que o computador ganha destaque, oportunizando a ampliação do universo literário em face do meio digital e das possibilidades de disseminação da obra literária, o que deve, contudo, ser visto com cuidado, para não se cair numa arena de combate, em que se precisa optar pelo lado dos tecnófilos ou dos tecnófobos (GARCÍA ARETIO, 2007), ou entre apocalípticos e integrados, para usar os termos de Eco (2004).

Nesse viés, o livro impresso sempre ganha uma dimensão bem maior que o campo das ferramentas digitais, possuindo, assim, um valor simbólico e cultural e passando a ser visto como instância de consagração (BOURDIEU, 1974). Sua materialidade é condensada por uma série de processos que acompanham o desenvolvimento da sociedade, do mesmo modo que agrega características quase como algo sagrado, que ultrapassa as barreiras do tempo, delineia em muitos aspectos a própria ideia daquilo que possa ser entendido como literatura (LICHT; GONÇALVES, 2016).

A obra literária, no que corresponde à sua forma impressa, é disseminada por um caráter institucionalizado, embora tenha sido adaptada através das necessidades e dos anseios que foram surgindo nos leitores. É nessa dinâmica transformacional que as obras disponibilizadas no meio digital acabam ganhando espaço, trazendo novas formas e modalidades de ter contato com o vasto universo que a literatura dispõe, corroborando uma ideia de processo interacional, misturando áudio, escrita, imagem, entre outros recursos.

A hierarquia da qual advém a hegemonia da obra literária em suporte impresso é, sem dúvida, algo a ser considerado. Suas características performáticas admitem uma relação pragmática com as relações de poder e apropriação do conhecimento, seja por possuir forte relação cultural ou, até mesmo, pelo fato de representar um importante objeto transmissor da memória coletiva, dos aspectos fomentadores e/ou consolidadores da sociedade.

Diante disso, quando a obra literária se expande para o campo digital, da tecnologia e inovação, tem-se uma realidade demarcada pela necessidade de um público que se adeque a esse novo contexto, que saiba manusear os aplicativos e as mídias disponíveis para a leitura e a compreensão de um determinado texto. Isso corresponde a um processo de interação entre o suporte e o leitor, tendo em vista a noção de aspectos cognitivos e interpretativos. Do mesmo modo, pressupõe uma abertura para novas realidades, habilidades específicas para o suporte, bem como a apropriação de concepções de leitura que se fundamentam na reflexão sobre as transformações em que se articula o sistema do livro em um formato digital, a partir, sobretudo, da experiência com a máquina, o computador.

Não obstante as diferenças de complexidade, o ser humano e o computador estão cada vez mais ligados em formações complexas de ordem física, psicológica, econômica e social. Cada vez mais, os ambientes que as pessoas criam para si mesmas incluem uma lista diversificada de máquinas inteligentes (HAYLES, 2009, p. 64).

Com base no exposto, é imprescindível ressaltar que tanto a natureza do livro impresso quanto sua manifestação por meio da tecnologia na esfera digital correspondem a expressões da obra literária em suas especificidades e em seus aspectos composicionais, sendo assim traduzidas por um processo singular, dotado de informações que precisam ser discernidas e ressignificadas dentro desse contexto tão abrangente que é a literatura.

A partir disso, é de suma importância refletir acerca da produção literária contemporânea, no que diz respeito a essa gama de possibilidades de disseminação e suporte, seja digital ou impresso. Do mesmo modo, é necessário compreender que os procedimentos técnicos no ambiente comunicacional também variam de acordo com o tempo, adequando-se a situações e épocas determinadas no espaço e conforme um dado momento, o que implica uma intermediação constante do universo da tecnologia e das mídias tanto na literatura quanto nos demais eixos da sociedade como um todo, caracterizando, assim, um processo evolutivo. Em Filosofia da Tecnologia, Alberto Cupani (2016) demonstra como a tecnologia está presente na vida humana desde os seus primórdios.

O texto literário e a tecnologia em *Camilão*, o comilão

É sabido que a tecnologia assume papel de suma importância para o desenvolvimento da sociedade, do mesmo modo que sua influência no contexto da literatura, sobretudo a infanto-juvenil, percorre um vasto caminho de possibilidades. Seja na perspectiva voltada para a criação, seja na divulgação de um texto literário, o fato é que o universo digital se constitui de uma gama de informações e linguagens que se articulam entre si, formando um todo integrativo e marcado

pela ideia de multiplicidade. A esse todo orgânico, polifônico e multiestratificado, Ingarden (1972) chamou de obra literária.

A expansão dos recursos tecnológicos e da internet abriu margem para que diversas obras fossem adaptadas para o meio digital, assumindo uma nova roupagem, com elementos próprios, características típicas desse contexto, e até traduzindo-se numa realidade completamente destoante da proposta original do texto. Em outros casos, a estrutura se manteve inalterada, mas sua veiculação passou a compor recursos como som, imagem e linguagem mista.

Desse modo, os avanços ocorridos por meio da tecnologia assumiram impactos e influências significativas no âmbito da literatura. Com isso, algumas obras passaram a ser encontradas não somente no livro impresso, como também em aplicativos, sites e demais softwares que a rede dispõe (ROCHA, 2014). Essa disseminação de textos literários na modalidade digital fomenta uma crescente discussão sobre os limites que a tecnologia vem ultrapassando ao longo do tempo, bem como descontruindo ideias de que a literatura só admite valor no meio impresso.

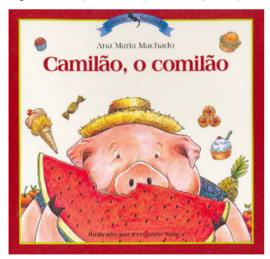
Quando a literatura salta de um meio para outro – da oralidade para a escrita, do códex manuscrito ao livro impresso mecanicamente, e à textualidade eletrônica – ela não deixa para trás o conhecimento acumulado e inscrito em gêneros, convenções poéticas, estruturas narrativas, tropos figurativos, e assim sucessivamente. Em vez disso, esse conhecimento é levado adiante para o novo

meio tipicamente por uma tentativa de reproduzir os efeitos do meio anterior de acordo com as especificidades do novo meio (HAYLES, 2009, p. 74).

Como exemplo dessa realidade, a obra *Camilão*, o comilão, de Ana Maria Machado, remete à discussão sobre o poder que as manifestações literárias podem assumir dentro do campo tecnológico, haja vista que esta pode ser encontrada em forma de e-book ou em vários canais do YouTube, como *audiobooks*. Isso implica uma possibilidade de maior contato com a obra, expandindo, assim, o alcance ao seu público, ou, nas palavras de Jenkins (2015), numa convergência cultural.

Vejamos, nas Figuras 1 a 6, como a obra se manifesta em diferentes suportes e como cada suporte ajuda a dar à obra outros modos de ser.

Figura 1 – Capa do livro (formato impresso)



Fonte: Machado (2003).

Figura 2 - Capa do livro (formato e-book)



Fonte: Machado (2003).

O suporte original de *Camilão*, o comilão apresenta o livro impresso como ponto de partida, de maneira que a sua estrutura é marcada por uma narrativa relativamente curta, tendo as ilustrações como um componente auxiliador do enredo. Em cada página, o leitor pode sentir a dinâmica da obra, entrelaçando suas expectativas ao que é posto como caracterização da protagonista, um porco guloso, preguiçoso, mas de bom coração, o porco Camilo. Para tanto, Machado (2003, p. 3) destaca:

Camilo era um leitão. Um porco grande, o Camilão. Não era um porco dos mais porcos. Mas era preguiçoso. E muito guloso. Um comilão, esse Camilão.

Figura 3 – Ilustração (formato impresso)



Fonte: Machado (2003).

Figura 4 – Ilustração (formato impresso)



Fonte: Machado (2003).

Nessa obra, é possível identificar aspectos que propiciam uma reflexão sobre os valores morais e sociais, bem como evocar situações reais do universo da matemática. Camilo, o porco guloso, não esboça interesse algum em trabalhar para adquirir seu alimento, preferindo,

assim, contar com a ajuda dos inúmeros amigos que dispõe. Em virtude de possuir um bom caráter, em nenhum momento tem seu pedido negado e todos acabam ajudando-o. A cada alimento que recebe dos amigos, a quantidade de itens que há na cesta vai sendo rememorada, dando uma ideia de caráter progressivo, como mostra o seguinte trecho:

[...] e lá se foi Camilão pela estrada. Com sua cesta. Na cesta uma melancia, duas abóboras, três queijos, quatro litros de leite, cinco espigas de milho. Por cima o guardanapo (MACHADO, 2003, p. 9).

A sequência dos itens e sua disposição na narrativa remetem àquilo que Cascudo (1985) denominou de conto acumulativo.

Ainda no que concerne às influências da tecnologia, Camilão, o comilão remonta a aspectos interativos, de maneira que seu conteúdo faz parte de um universo lúdico, dinâmico e sensorial, sendo alvo constante de reprodução em canais da internet, tendo como exemplo a TV INES¹, criada para a divulgação de temáticas para os públicos surdo e ouvinte. A história é narrada em Língua Brasileira de Sinais (Libras), misturando as linguagens verbal e não verbal, constituindo um excelente meio de disseminação da leitura, ao passo que também trabalha a perspectiva da inclusão, fator de importante relevância para a sociedade.

Figura 5 – Imagem capturada do vídeo que narra a obra *Camilão*, *o comilão* em Libras, veiculado no canal da TV INES



Fonte: YouTube.

Diante dessa conjuntura, o enredo é mostrado por meio das articulações que a Libras dispõe, fato que não só aproxima o público leitor para uma nova manifestação da obra, em um diferente suporte, mas também, sobretudo, coloca em foco a importância de propagar o acesso à leitura em face da perspectiva inclusiva. A narrativa permanece com a mesma temática da obra impressa, não tendo seu conteúdo alterado. Isso não deve ser confundido, conforme mencionamos anteriormente, com a igual maneira de o texto ser lido.

O elemento primordial da apresentação da história é o fato de poder trabalhar as inúmeras possibilidades que a língua oferece, utilizando um espaço voltado para o universo da tecnologia e sendo contemplado pela Libras.

A obra surge, ainda, no canal Varal de Histórias², tendo como representação a cesta que Camilo carrega e os itens que levara dentro desta. Conforme a história é narrada, os elementos que compõem o enredo vão surgindo no vídeo, materializando a obra e exemplificando cada momento que o personagem vivencia, bem como os alimentos que irão fazer parte do banquete oferecido por ele para todos os amigos, no final da narrativa, demonstrando sua generosidade com todos.

Nesse contexto, a obra ganha materialidade por meio dos objetos que ajudam a ilustrar a narrativa. A diferença entre os diferentes suportes usados pela obra está, então, na forma como é contado o enredo, na composição de imagens por meio do ambiente tecnológico, bem como da relação entre os objetos mostrados e a expressão facial e corporal da contadora de história. O cenário, assim, é ambientado na perspectiva da ideia de campo, de zona rural; o avental, o guardanapo da cesta e a toalha da mesa são alguns aspectos que denotam essa realidade.

Assim como na obra impressa, a caraterização de Camilo permanece expressada pela sua gula e preguiça, porém, é perceptível que, no vídeo do canal Varal de Histórias, há algumas marcas que agregam elementos novos e enriquecedores para o texto. Isso implica na forma com a qual a contadora revela cada objeto da cesta, do mesmo modo como expõe as suas reações aos pedidos do porco aos amigos que encontra pelo caminho. Fica evidente uma nova perspectiva para a obra, como se esta deixasse o meio impresso e tático, para compor

um espaço em que o trabalho com os sentidos seja despertado. Nesse sentido, como nos aponta Assis (2017a), o corpo passa a ser visto como instrumento pelo qual a leitura, enquanto um fenômeno que se efetiva por meio da experiência, é componente essencial para a relação entre leitor e obra.

Figura 6 – Imagem capturada do vídeo que narra a obra *Camilão*, o comilão, veiculado no canal Varal de Histórias



Fonte: YouTube.

Com isso, é pertinente depreender que a tecnologia congrega elementos que já se constituem como próprios da literatura infanto-juvenil, principalmente no que diz respeito ao trabalho com as imagens, à ideia de movimento, ao jogo com as diferentes linguagens, à sonoridade, entre tantos outros aspectos que articulam essa cadeia intuitiva e dinâmica.

Se há especificidades no meio digital – e são elas que têm causado alterações substanciais nas práticas de leitura, literária ou não, na atualidade – elas devem ser abordadas e compreendidas a fim de que se compreendam, também, as especificidades dos objetos estéticos que surgem nesse meio (ROCHA, 2014, p. 173).

Além dessa abordagem, fica evidente o papel da contação de histórias, bem como da figura do contador. O entrelace entre diferentes linguagens acaba sendo articulado com os processos extremamente úteis nessa construção e aquisição do conhecimento. O público, no caso o leitor, acaba tendo a oportunidade de dialogar com a obra por meio do aspecto visual, o contador admite, assim, um papel preponderante, utilizando ferramentas e habilidades para narrar a obra literária.

Vários aspectos precisam ser levados em consideração no momento de contar uma história, tais como a entonação da voz, a escolha da história e do repertório, além dos recursos que serão agregados para a apresentação do conjunto final (CAVALCANTI, 2002; ZUMTHOR, 2018). Para tanto, o uso da tecnologia como recurso admite uma constante dotada de significados, haja vista que, a partir dela, a obra literária ganha uma nova roupagem, da mesma forma que a sua recepção também depreende de outras perspectivas, sendo estas um pouco diferenciadas do universo do livro impresso, mas ambas com sua devida importância.

Nesse viés, as manifestações literárias que compõem e/ou circulam dentro desse universo criativo acabam rompendo com a ideia estática e tradicional do texto enquanto objeto fixo, que não pode ultrapassar seu suporte inicial. A prerrogativa nessa constante é, justamente, mostrar que diferentes suportes podem

intensificar ainda mais a mensagem que a obra deseja repassar, alcançando um público considerável e dispondo de uma cadência que pode ser rica e plural (JENKINS, 2015).

A perspectiva literária em face do suporte da obra no meio digital

O processo que envolve a abordagem da literatura relacionada à tecnologia permite uma profunda discussão acerca dos mecanismos que se articulam a esse contexto, seja direta ou indiretamente. Pensar a obra literária como parte integrante apenas do sistema impresso é retroceder à própria ideia de transposição do saber literário de geração em geração, tomando como ponto uma concepção que destoa da função da literatura, enquanto elemento de evolução criadora, de contato com o material e o abstrato, por meio da subjetividade.

Em virtude disso, faz-se pertinente compreender que o meio digital também é composto por inquietações e discussões sobre os elementos considerados como pertencentes à ideia de literariedade, bem como da questão canônica. As relações estabelecidas nesse âmbito perpassam por uma série de aspectos que pulsam em meio à efervescência de informações que circulam nas redes e da enorme fusão de linguagens distintas, que acabam corroborando tessituras textuais dos mais variados gostos e estilos.

Existe um número crescente de estudos voltados para as relações que se estabelecem entre, de um lado, as novas práticas de escrita e leitura inauguradas pelas tecnologias digitais e, de outro, as práticas baseadas na cultura do texto impresso. Assim como no caso dos estudos direcionados para a cultura digital, também os estudos voltados especificamente para a leitura e a literatura na era digital são muito heterogêneos, tanto no que concerne aos referenciais teóricos adotados quanto no que se refere aos objetos específicos escolhidos para análise e reflexão (KIRCHOF, 2013, p. 11).

A relação entre o impresso e o digital tem sido palco de considerações que permeiam o contato com perspectivas alusivas a uma condição de caráter colaborativo, implementando condutas que vão além do simples reconhecimento do texto literário como tal. Sua abrangência denota da capacidade de o leitor assimilar o conteúdo da obra, por meio de práticas que possibilitem a apreensão de significados por intermédio do domínio investigativo, do manuseio de ferramentas que rompem o espaço tradicional em que a literatura tem sido propagada.

Quando o assunto é tecnologia, a sensação que se tem é de que há uma espécie de jogo a ser decifrado. As articulações propostas e a confluência de informações e linguagens admitem uma ideia expressiva de multimodalidade, reconfigurando, assim, a estrutura que a obra literária apresenta dentro do sistema impresso. Ao mesmo tempo, é preciso ter cuidado com algumas afirmações e "certezas" que pairam sobre esse

universo, pois trata-se da manipulação do signo verbal, das especificidades que cada suporte apresenta, dos efeitos produzidos por cada um.

A informação tratada pelos computadores já não diz respeito apenas a dados numéricos ou textos (como era o caso até os anos 70), mas também, e cada vez mais, a imagens e sons. Portanto, seria muito mais correto, do ponto de vista linguístico, falar de informações ou de mensagens multimodais, pois colocam em jogo diversas modalidades sensoriais (a visão, a audição, o tato, as sensações proprioceptivas) (LÉVY, 2008, p. 63).

Essa percepção dos suportes e da manifestação da obra literária é intensificada pela apropriação de suas características básicas, haja vista que cada composição equivale a um contexto particular, a estágios significativos no processo de produção do texto, bem como dos deslocamentos percebidos em face dos fenômenos literários. Desse modo, vale ressaltar o pensamento de Chartier (1998, p. 71) ao dizer que "a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez outro significado". Isso remete ao que Mcluhan (1974), há um certo tempo, já falava sobre o meio e a mensagem.

Com isso, o meio digital configura-se como um elemento que pode auxiliar no processo de disseminação da obra impressa. Não obstante, cada suporte depreende sua importância e valorização. Assim, o meio digital pode ser entendido como uma espécie de extensão da obra produzida no sistema impresso, oportu-

nizando sua propagação e contribuindo para uma interface cada vez mais integrativa da literatura.

Considerações finais

A abordagem pautada no cerne dos avanços tecnológicos não é representativa de uma defesa ou preferência por um suporte em que o texto literário será diferentemente explorado, lido, recebido, por exemplo. O que rege a discussão é compreender como a literatura pode permear por caminhos diversos e se adaptar aos meios, requisitando maneiras diversas de o leitor se articular com a obra e possibilitando o uso e o reconhecimento de estratégias que se agregam às já conhecidas, formas de perceber a obra literária enquanto, também, movimento e som.

Diante desse contexto, a obra *Camilão*, o comilão, de Ana Maria Machado, corresponde a um exemplo de como o meio digital pode contribuir para a adaptação do texto literário para outras esferas, sem deixar de lado seu caráter lúdico, criativo e, sobretudo, literário. A proposta é, então, demonstrar que há inúmeras alternativas de divulgar a literatura infanto-juvenil, que o jogo com imagens e linguagens pode representar um ponto benéfico dentro da realidade tecnológica, que já dispõe de variados recursos e ferramentas.

Nesse viés, as reflexões oportunizadas por essa discussão estão atreladas à necessidade de transpor as barreiras que regem a cultura acadêmica e o sistema do livro, que constituem apenas um suporte como absoluto. O universo da literatura é rico, seu campo de atuação consegue abarcar uma gama de modalidades, abrindo espaço para a abordagem do potencial entre a cultura impressa e a digital, de maneira integrativa e passível de fruição da linguagem literária.

Between print and digital in the work *Camilão*, o comilão, by Ana Maria Machado

Abstract

The literary universe has been the scene of intense discussions about contemporary productions, notably concerning the context of technological tools. In this sense, this article intends to discuss how the advancement of technology has profoundly influenced works classified as children's literature, especially regarding the work Camilão, o comilão by Ana Maria Machado. Thus, it is considered the need to provide an understanding of approaches that are at the core of the perspective of literature fostered in the digital environment. as well as the transmutations conferred to the establishment of a new support. In this way, the premise that sustains the present discussion starts from the migration of the work in printed text to the digital sphere. As theoretical contributions, we have the texts of Chartier (1998), Lévy (2008), Hayles (2009), Santaella (2013), Rocha (2014), among others.

Keywords: Children's literature. Technological advancements. Printed and digital books.

Notas

- Primeiro canal brasileiro na plataforma YouTube que é 100% bilíngue. Disponível em: https:// www.youtube.com/user/TVINESoficial.
- Disponível em: https://www.youtube.com/ watch?v=TGjTjvojGtE.

Referências

ASSIS, Emanoel Cesar Pires de. Leitura e literatura em meio digital: formas e tipos. *Travessias*, v. 11, n. 3, p. 441-451, 2017a.

ASSIS, Emanoel Pires de. Leitura de literatura em meio digital: a mediação pelo corpo. *Texto Digital*, v. 13, n. 1, p. 141-156, 2017b.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*: folclore. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juventude: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed. Unesp, 1998.

CUPANI, Alberto. Filosofia da tecnologia: um convite. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

DIAS, Paulo. Hipertexto, hipermédia e media do conhecimento: representação distribuída e aprendizagens flexíveis e colaborativas na Web. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 13, n. 1, p. 141-167, 2000.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados.* 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GARCÍA ARETIO, Lorenzo. ¿Por qué va ganando la educación a distancia?. Madrid: Editorial UNED, 2007.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica*: novos horizontes para o literário. São Paulo: Global, 2009.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Trad. Albin E. Beau *et al*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2015.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Ensino de literatura na era da cultura digital: obras digitalizadas e digitais. *In*: SANTOS Alckmar Luiz dos; SAN-TA, Everton Vinícius de (org.). *Literatura, arte e tecnologia*. Tubarão: Copiart, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008.

LICHT, Marcele Cassol; GONÇALVES, Berenice Santos. O livro digital como extensão da obra literária. *Educação Gráfica*, v. 20, n. 2, 2016.

MACHADO, Ana Maria. Camilão, o comilão. Rio de Janeiro: Salamandra, 2003.

MACHADO, Ana Maria. Camilão, o comilão. E-books. 2003. Disponível em: https://www.salamandra.com.br/conteudo-digital/videos/titulo-camilao-o-comilao-1.htm. Acesso em: 30 set. 2019.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação: como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1974.

MELO, M. B. Dos posts e vídeos às páginas dos livros: a atuação de blogueiros e youtubers no ciberespaço e a indústria do livro no Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. *Letramento digital*: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ROCHA, Rejane Cristina. Contribuições para uma reflexão sobre a literatura em contexto digital. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 36, p. 160-186, jan./jun. 2014.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletra-mentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

TV INES. Contação de História – Camilão Comilão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZFGwGMaVee0. Acesso em: 25 out. 2019.

VARAL DE HISTÓRIAS. Camilão, o comilão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TGjTjvojGtE. Acesso em: 28 out. 2019.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018.